• INTERAÇÃO DE SABERES PROFISSIONAIS NAS SITUAÇÕES DE TRABALHO ENTRE ENGENHEIROS, MESTRE DE OBRAS, ENCARREGADOS E PEDREIROS

Grazielle Tomaz de Almeida – grazipedagogia@yahoo.com.br
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)
Avenida Amazonas, nº 7675, Bairro Nova Gameleira.
30510-000 – Belo Horizonte – Minas Gerais
João Bosco Laudares – jblaudares@terra.com.br
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)
Avenida Amazonas, nº 7675, Bairro Nova Gameleira.
30510-000 – Belo Horizonte – Minas Gerais
Adriana Maria Tonini – atonini@cead.ufop.br
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)
Avenida Amazonas, nº 7675, Bairro Nova Gameleira.
30510-000 – Belo Horizonte – Minas Gerais

Resumo: *Este artigo propõe apresentar aspectos que envolvem a interação de saberes nas situações de trabalho da construção civil, a partir da revisão bibliográfica realizada, e ainda, algumas considerações apreendidas em pesquisa de campo. Aborda-se ainda, a forma com que a linguagem do trabalho revela e produz os saberes profissionais constituídos e utilizados na construção civil. Saberes estes, que convocam um entendimento do trabalho prescrito pelo engenheiro, aos demais envolvidos, o mestre de obras, encarregados, pedreiros e serventes.*

Palavras-chave: *construção civil, linguagens, saberes, engenheiro, qualificação*

1. INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva apresentar parte das reflexões apresentadas na Dissertação de Mestrado[1] intitulada: Saberes profissionais constituídos na atividade de trabalho - a experiência e a linguagem na construção civil. Esta pesquisa teve como temática o estudo das linguagens que revelam e produzem saberes profissionais em situações de trabalho da construção civil. Assim, como objetivo, buscou-se analisar mais especificamente de que modo e em quais situações os profissionais com níveis sociais, culturais e de formação com origem diversificada incorporam e desenvolvem estratégias relacionais e de saberes no processo de produção desse setor.

Diante o proposto, a pesquisa desenvolvida, traçou parâmetros para a realização de uma pesquisa vinculada ao Mestrado em Educação Tecnológica do Centro de Educação Tecnológica de Minas Gerais / CEFET – MG, linha de pesquisa: Processos Formativos em

[1] Defesa apresentada no CEFET-MG em fevereiro de 2012, sob orientação do Professor Doutor João Bosco Laudares.

Educação Tecnológica, estando inserida também em temáticas do grupo de estudo e pesquisa Formação Qualificação para o Trabalho – FORQUAP. É nas discussões pertinentes a esse grupo, que se encontrou o respaldo teórico necessário para o desenvolvimento das questões estabelecidas.

Buscou-se analisar de que forma a linguagem do trabalho revela e produz os saberes profissionais constituídos e utilizados na construção civil. Em especial, o empenho foi aproximar-se das situações que convocavam um entendimento do trabalho prescrito[2] (pelo engenheiro) aos demais envolvidos no trabalho (mestre-de-obras, encarregado, pedreiro e servente). Segundo Magalhães (1986), é necessário um saber prévio para que haja entendimento, diálogo, interação entre os profissionais envolvidos no trabalho.

A opção pela linguagem como veículo que possibilita refletir sobre a atividade de trabalho está nas problematizações apresentadas, por exemplo, em Cunha (2010), quando a autora identifica a linguagem como elemento, meio de conectar e relatar as experiências de trabalho que abordam os saberes mobilizados nessas situações. Saberes estes constituídos via relações sociais que implicam a linguagem, seja esta de que ordem for (escrita, oral, corporal etc.). Assim, Alves Santos (2004) lembra que, ao considerar as dimensões coletivas como construtoras de saberes, a linguagem aparece como preponderante. Malglaive destaca que "a teoria ignora certas categorias da ação e, por este motivo (...) não é possível conhecer um conceito sem conhecer o conjunto das relações nas quais ele se insere e que, por isso mesmo, o definem (...)." (MALGLAIVE, *apud* SANTOS, 2004, p. 62).

Tal observação tem a linguagem como uma das categorias que permite conhecer as relações nas quais ela se insere. Isso leva ao encontro de uma das possíveis justificativas para pertinência de se abordar a complexidade da atividade de trabalho via linguagem uma vez que é tão abrangente e complexa quanto o trabalho.

Foi na observação da especificidade da construção civil que se buscou identificar qual ou quais elementos da linguagem revelam as memórias, a organização do trabalho e dos saberes, o uso de si, e/ou outras dimensões fundamentais da atividade. De acordo com Cunha

> *a linguagem tem, então, uma dupla face. Por um lado, tenta antecipar as atividades, regulando a forma como serão executadas, através das normas que antecedem o trabalho; por outro lado, expressa a riqueza da atividade que ultrapassa o prescrito em termos de normas antecedentes, pois tanto não se restringe ao prescrito como também pode ser fonte fecunda para o exame de seu disfuncionamento, fonte do seu aprimoramento e comprovação sine qua non de que essa experiência mobiliza saberes diversos, alguns não verbalizáveis. (CUNHA, 2010, p. 60).*

A mesma autora orienta que não se deve ter a pretensão de identificar, registrar e apreender todos os saberes veiculados pela linguagem. Afinal, compreende-se que o ser humano sabe mais do que é capaz de expressar. Além disso, a linguagem é insuficiente na transposição de determinados saberes. É justamente essa "insuficiência" que intriga e conduz à busca de se compreender de que maneira sujeitos com níveis de qualificação distintos produzem não só saberes profissionais, mas também são capazes de interagir e de se comunicar sobre esses de modo que tais saberes, ainda que em códigos informais, são reconhecidos e compreendidos no seu meio profissional. Nesse sentido, pretendeu-se

[2] Sobre o trabalho prescrito, Santos *apud* Santos (2004) diz que se trata da "definição prévia da maneira como o trabalhador deve executar o trabalho: o modo de usar os equipamentos e as ferramentas, o tempo concedido para operação, o como fazer e as regras que devem ser respeitadas" (SANTOS, 2004, p. 25).

conhecer de que maneira o agir humano na atividade de trabalho adquire condições de interpretar e ser interpretado em diálogos com textos falados e/ou escritos do/no trabalho.

O problema gerador da pesquisa localiza-se na particularidade organizacional e profissional da construção civil. A respeito desta, a revisão bibliográfica desenvolvida confirmou a prevalência histórica de um estigma social e cultural, relativo aos profissionais desse campo. A indústria da construção civil ainda permanece como um setor onde são marcantes as disparidades quanto à qualificação formal.

No tocante a esse universo produtivo, sabe-se que vem crescendo e se fortalecendo economicamente de modo considerável e equilibrado, sobretudo nas duas últimas décadas. Ainda assim, as informações apreendidas nas teses e dissertações pesquisadas, como por exemplo, o trabalho de Botelho (2005), sugerem que comparado aos demais setores industriais, o movimento de modernização na indústria da construção civil é ainda bastante incipiente.

A abordagem das pesquisas consultadas, em sua maioria, sugere que os investimentos tecnológicos restringem-se basicamente à produção dos recursos materiais e às ferramentas de trabalho específicas da gerência, como computadores, softwares, entre outros. Contudo, Tomasi (1999) esclarece que, apesar de muito pouco, houve também alguns avanços nas ferramentas utilizadas em atividades que competem aos serventes, pedreiros e encarregados. Seria, por exemplo, a inserção de guindastes, elevadores, entre outros. Mesmo assim, o referido autor afirma que não se pode negar que o eixo central do trabalho na construção civil ainda possui a marca de ser bruto e bastante pesado. É um ofício que implica disposição da força física.

Ainda nas pesquisas referidas, há reflexões que encontram nas especificidades do perfil dos trabalhadores da construção civil a justificativa para as possíveis limitações na modernização desta atividade. Isso porque, no que diz respeito aos serventes, pedreiros, encarregados e mestre-de-obras, ainda é bastante restrito, para não dizer inexistente, o número de profissionais que possuem a escolarização básica e /ou qualificação profissional formal (cursos profissionalizantes, técnicos, formação continuada etc.). Este indicativo, da pouca escolaridade, é ainda mais forte entre os serventes e pedreiros, sendo moderado nos encarregados e mais ameno entre os que conquistaram a classificação de mestre-de-obras.

Por esses fatores indicados resumidamente até então, a indústria da construção civil é um ambiente de trabalho que de modo bastante peculiar (por sua tradição e gestão), se constitui de extraordinárias possibilidades para interação, desenvolvimento e produção de saberes profissionais. Além desse aspecto, a própria dimensão complexa que constitui o universo do trabalho, bem como as contribuições que os estudos relativos a essa área trazem para a sociedade, justifica-se a importância de ampliar o debate e os campos de observação e pesquisa do trabalho e do trabalhador, como já sugerido por Tomasi:

> *Atrasada, como querem alguns, ou um modo original de fabricação, como querem outros, o certo é que nos canteiros de obras da Construção Civil predominam, ainda hoje em todo mundo, atividades "simples", perigosas, insalubres e que exigem grande esforço físico. Essas atividades definem a necessidade de uma mão de obra jovem, forte, "corajosa" e de "boa vontade" para conviver com tais condições, assim como para adquirir os conhecimentos necessários à sua execução. As atividades têm definido, igualmente, uma importância secundária do nível de escolarização do trabalhador. (TOMASI, 1999, p. 8).*

A baixa escolaridade é um dos ingredientes que fomenta o interesse em compreender de que modo os saberes circulam e se constituem nas práticas cotidianas dos profissionais de

base da construção civil, considerados desqualificados. Nesse sentido, justifica-se ainda o empenho de debater e de identificar como os profissionais envolvidos apreendem a linguagem própria e particular das especificidades desse ambiente de trabalho.

Um dos desafios vivenciados, como sugere Magalhães (1986), deve-se ao extraordinário esforço pessoal como uma condição necessária para que a experiência cotidiana do trabalho seja um motor para desenvolver habilidades. Habilidades que, entre outras contribuições, tornam esses profissionais tidos como "desqualificados" em sujeitos aptos á interação e ao diálogo ("técnico") com um engenheiro ou outro profissional envolvido no processo. Ainda sobre esse aspecto, é importante mencionar e valorizar a capacidade desenvolvida, sobretudo pelos encarregados e mestres-de-obras, que possuem a responsabilidade de gerir e mediar a execução das tarefas necessárias no cotidiano da obra transitando entre diferentes linguagens. Isto é, responsabilizam-se em tornar possível, claro, eficiente e objetivo o diálogo do planejamento (elaborado por empresários, arquitetos e engenheiros) com a distribuição e execução das atividades entre as equipes (encarregados/ pedreiros e serventes).

Certamente há que se considerar o engenheiro empenhando-se para conquistar a habilidade e linguagem apropriada para interagir e orientar, de modo eficaz, sua equipe de trabalho. Contudo, foi sob a ótica do operário da construção civil, sujeitos definidos como "semi-analfabetos"[3], que organizou-se a investigação, de modo a compreender como eles avaliam terem se apropriado dos saberes e da linguagem requisitada para interagir profissionalmente (como, por exemplo, a linguagem técnica do trabalho). Compreender esta dinâmica muito tem a colaborar para a prática e formação dos engenheiros.

O desejo de partir do entendimento dos operários explica-se pela particular distância de ordem social, cultural e econômica entre os agentes desse campo. Afinal, aos engenheiros já é concedido socialmente um poder e reconhecimento legitimados por sua trajetória escolar (diploma). Neste sentido, é oportuno acrescentar a seguinte consideração de Santos:

> *A capitalização dos benefícios proporcionados pelo saber do trabalhador à produção é uma estratégia já colocada em marcha pelos empresários. Fica a tarefa de construir uma alternativa que, deixando de ser resistência passiva e não caindo na co-gestão do saber no trabalho, resgate o valor epistemológico, social, político e cultural do saber do trabalhador. (SANTOS, 1997, p. 26).*

Para Tomasi (1999), o campo de trabalho da construção civil é marcado por uma originalidade quanto ao seu processo de industrialização. A partir da existência de inúmeras e diferenciadas condições (sociais, econômicas, culturais, técnicas, estéticas etc.) é que este se define como um setor possuidor de um modo todo próprio de ser e de fazer.

É frente às especificações particulares do canteiro de obra, consolidadas via dados coletados nas pesquisas de Tomasi (1999), Magalhães (1986), Costa (2010) e outros, que pode-se considerar ter encontrado importantes elementos, que confirmam a motivação para se desenvolver estudos neste campo. Assim, é possível afirmar que o estudo destes autores colaborou substancialmente para subsidiar a problematização da pesquisa proposta.

A pesquisa traçou o seguinte objetivo geral: analisar as linguagens dos profissionais da construção civil nas situações de trabalho, buscando relacioná-las aos saberes que elas revelam e produzem. Como desdobramento foram elencados os seguintes objetivos específicos: a) identificar que situações de trabalho da construção civil possibilitam a

---

[3] De acordo com a dissertação de Neiva Terezinha Pelissari, apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Mato Grosso, em 2006, a construção civil é o principal setor da economia brasileira que emprega o maior número de trabalhadores analfabetos ou semi-analfabetos e com pouco ou nenhuma qualificação profissional.

aquisição e a constituição dos saberes necessários para a atuação profissional; b) mapear os tipos de linguagem (oral, escrita, corporal, entre outras) que circulam entre os profissionais da construção civil; c) identificar, por meio da linguagem, quais são os saberes revelados pelos profissionais da construção civil em situações de trabalho.

Para desenvolvimento do estudo, estruturaram-se três eixos principais, quais sejam: os saberes da experiência; a linguagem e sua relação com o trabalho e, por fim, os parâmetros da construção civil, no contexto atual. Apresentou-se assim uma breve exposição sobre o que a academia discursa sobre a presença dos saberes oriundos da experiência e sua representatividade para o processo produtivo, identifica-se e considera em meio a todo esse processo como a linguagem é indispensável.

Pauta-se não somente a respeito da linguagem como elemento relevante e indispensável para se pensar o trabalho, mas também como componente que se faz no trabalho a partir e em meio a diversas facetas e representações. A linguagem é compreendida, então, como elemento que pode canalizar uma compreensão sobre determinadas interações e situações, laçando luz sobre a representatividade social, cultural e epistemológica de determinado grupo.

2 LINGUAGEM COMO MEDIADORA SOCIAL E PROFISSIONAL

Segundo Alkimin (2001), a fala e a escrita são elementos essenciais para se estabelecer a comunicação e assim dar sentido às ações e atividades de linguagem. O uso que se faz e se detém da fala e da escrita, como componentes da linguagem, atribuem sentido ainda, segundo a mesma autora, ao que faz e ao que "vale" na sociedade, o seu falante. A linguagem enquanto mediadora social é, portanto, sinônimo de poder.

Compreende-se, a partir das contribuições de Alkimin (2001), que o tipo de linguagem, bem como o nível de uso que se faz dela, envolve ingredientes que delimitam, que traçam a posição social e cultural do falante. Na construção civil, isso está presente de modo bastante latente e é perceptível na organização e na gestão do trabalho e ainda nos meios para se conquistar as habilidades e competências profissionais.

A linguagem se impõe nesse setor produtivo como principal veículo para se aprender e ainda para demonstrar saberes por meio da apresentação de alternativas para realização do trabalho ou outros. Na construção civil, a linguagem é indispensável para a interação entre diversos segmentos da hierarquia e demarca os momentos e as realidades que compõe esse espaço.

Nas relações sociais, é a união da linguagem verbal e da linguagem não-verbal que constitui a comunicação, integração que estrutura o sentido das relações sociais. Por isso, Ferreira (1998) e Souza (2007) destacam os gêneros da oralidade e da escrita como elementos que dão sentido e demonstram a organização das atividades sociais instituídas. A cultura e o ato humano são partes do texto, por isso a linguagem tem muito a dizer sobre o contexto socioeconômico-cultural.

Segundo Noel e Faita (2010), é preciso compreender que a palavra não é uma coisa, um objeto palpável; e também não é utilizada sozinha, isolada, já que assim seu sentido se diverge. A palavra é parte de um enunciado, ou seja, "não vem sozinha", ela é na verdade parte de uma combinação (de palavras) que adquire sentidos na medida que se organiza contextualmente. O processo de aprendizagem dos sentidos atribuídos à palavra é indispensável às relações de trabalho e convoca uma disponibilidade e um se colocar por parte dos envolvidos, "quebrando" ou desestabilizando alguma hierarquia no ato de fala. É pertinente entender, a respeito desse aspecto, que uma palavra que possui claro sentido a um

determinado sujeito pode representar a um terceiro algo indecifrável. A esse respeito, o engenheiro entrevistado partilhou que ao atuar em uma obra no interior do Rio de Janeiro, foi surpreendido com o pedido de um operário que lhe disse da necessidade de adquirir "camurça" para concluir determinado serviço. O engenheiro refletiu de todas as formas, manobrou a conversa, para ver se conseguia compreender o que era camurça, sem ter que se "expor". Não sendo mais possível, finalmente ele se viu diante uma situação em que foi necessário dizer ao funcionário que não sabia o que era camurça. Foi então que este explicou se tratar da esponja usada para dar acabamento ao reboco.

A linguagem é, portanto, nessa situação, uma condição imposta a todos os envolvidos na obra, desafiando os trabalhadores a adequarem sua maneira de se expressar, de acordo novas situações e exigências contextuais. Ainda sobre esse episódio da camurça, percebe-se que muitas vezes a organização (hierarquia) de trabalho da construção civil não viabiliza a interação entre todos os envolvidos no processo produtivo, o que implica a prática de culturas "distintas" em cada nível hierárquico. Provavelmente, se nesse dia, o operário tivesse encaminhado a demanda ao mestre-de-obras, para que solucionasse e/ou repassasse ao engenheiro a solicitação, já em uma linguagem "formal", tal desafio não seria vivenciado. Percebe-se que mesmo que a estrutura constituída busque criar barreiras às interações, por meio da hierarquia, haverá sempre situações em que realidade social e cultural de ordens distintas se entrecruzarão.

Há ainda, segundo Faita (2002), enunciados e trocas verbais que não são passíveis de interpretação ou até mesmo passíveis de reconhecimento ao observador externo, como o caso de um pesquisador. Uma equipe de trabalho mantém trocas verbais permanentes, produzindo tipos de enunciados de grande heterogeneidade. Alguns desses acessíveis, comuns em quaisquer situações; já outros são tão particulares, que se caracterizam como inacessíveis. Por fim, é importante compreender que esses enunciados não se dão de modo fragmentado. Ao contrário, em uma mesma fala haverá significados comuns e outros imbuídos de uma particularidade acessível somente àqueles sujeitos da atividade. São situações que causam estranhamento ou passam despercebidas não só pelo pesquisador, mas também por aqueles que compõem a hierarquia, mas que não estão diretamente ligados ao desenvolvimento do trabalho de determinado grupo.

A linguagem é, nesse contexto, uma atividade que faz parte de um complexo, de um todo da atividade. Assim, Faita (2002) menciona que há uma diferença entre o dizer e o fazer. A linguagem não é o único vetor do saber, por isso ela é, nesta pesquisa, caracterizada como mediadora, como veículo para se aprender, se desenvolver e interagir/atuar profissionalmente e socialmente.

Apreende-se, portanto, que nas interações linguageiras sustentam-se saberes que são pertencentes estritamente a cada sujeito. Esses saberes, convocados e então remobilizados, são resultado do proveito que o sujeito tira de sua própria experiência. De algum modo, parte desse saber é repassado a seus pares. Aquele que apreende passa a fazer uso desse saber, remobilizando-o e adequando-o à sua necessidade, bem como a outros saberes e experiências já conquistados.

2.1 Desafios impostos pela linguagem: situações de interação entre profissionais com trajetórias formativas distintas.

A prática do trabalho naturalmente impõe a necessidade de saber dialogar sobre ele, bem como compreender o nome das ferramentas e das tarefas a serem executadas. No tocante aos desafios que a linguagem impõe à interação profissional de sujeitos com percursos formativos

de ordens distintas, Neto (2009) esclarece que até mesmo o falante com pouca escolaridade ou o analfabeto será capaz de formular seus enunciados de forma compreensível. Isso se confirma na pesquisa, pois todos conseguem estabelecer uma comunicação, com recursos e estratégias variadas, conforme sua posição hierárquica. Todavia, é de acordo com o papel ocupado na escala posicional que se "cobra", que se espera uma modalidade de expressão (oral e/ou escrita) com maior ou menor rigor. Contudo, ainda que haja todo um esforço para se usar a habilidade comunicativa apropriada, o perfil e os recursos empregados na comunicação encontram-se sempre emoldurados por suas condições sociais.

No processo de entrevista, grande parte dos entrevistados reconheceram os desafios como comuns e espontaneamente solucionáveis. Isso, no que diz respeito ao entendimento expresso pela engenharia e também pelos profissionais de base. Ainda assim, percebe-se que há um movimento e um esforço de ambas as partes para se entender e "falar a mesma língua". Apesar de ambos considerarem natural a adoção de vocabulários distintos, instituídos por processos formativos de percursos diferentes, um escolarizado e outro prático e experiencial, há uma conduta de retaguarda quando, em um diálogo, alguma das partes não tem clareza da informação. Em ocasiões assim, a naturalidade expressa se esvai, já que tal contexto sugere a exposição de alguma limitação. Nenhuma das partes deseja ocupar o lugar daquele que não sabe. Mas é quase imperceptível, como demonstrado nas entrevistas apresentadas na Dissertação, que a linguagem é um importante componente do trabalho, colocando-se por consequência como um importante desafio ao trabalhador. Os entrevistados não demonstram perceber, por exemplo, que o uso inadequado das palavras para orientar um trabalho é o que pode implicar em um mau resultado, deixando insatisfeitas ambas as partes envolvidas (empregado e empregador).

Neto (2009), apoiando-se em referenciais como Bakhtin e Bourdieu, diz que a realização da comunicação, da transposição de conhecimentos e/ou informações só acontece completamente se a mensagem (a comunicação/diálogo) for decifrada, ou seja, bem compreendida pelo interlocutor. Isto é, o próprio falante não almeja apenas uma transposição passiva; seu objetivo é uma objeção, uma concordância, uma participação. Também nessa linha, Faita (2002) afirma que o diálogo não se faz sozinho, nunca será monológico. Isso implica e requisita o envolvimento do outro e de si no momento da orientação, e ainda no momento de executar a tarefa, quando mentalmente se recorre e se retoma a orientação e a informação que foi passada. Sobretudo porque entre os profissionais que executam a atividade, como já analisado, poucos ou nenhum fazem uso do registro escrito. Não há uma exigência, uma regulamentação nesse sentido e os próprios operários não julgam necessário. A esse respeito é oportuno dizer, entretanto, que muitos queixam-se de estar com a cabeça já bastante cansada e confusa, o que começa a preocupá-los já na faixa dos 35 anos de idade. A preocupação de não mais armazenar grande quantidade de detalhes na cabeça justifica-se porque, se assim for, tornam-se "inaptos" à atividade.

A habilidade de interação comunicativa entre sujeitos de ordens sociais, culturais, econômica e formativa distintas é denominada por Batkthin de grau de alteridade constitutivo do discurso. Esse exercício de alteridade faz, por exemplo, com que o engenheiro transite na linguagem particular do pedreiro e vice-versa. É um processo de assimilação da palavra do outro.

Por fim, é fundamental compreender que todas as formas de expressão, apesar de não equivalentes socialmente, são equivalentes linguisticamente, já que sua articulação se dá de

modo tal, que torna acessível seu entendimento/interpretação[4]. De acordo com Faita (2010), é nesse processo que indivíduo vai construir suas aprendizagens, vai evoluir em suas relações com o coletivo e vai ainda intervir para modificar essas relações.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No tocante as situações de trabalho que possibilitam a aquisição e a constituição dos saberes necessários à atuação profissional. Compreendeu-se que, dentro da particularidade de funcionamento do setor, todo o processo colabora para o aprendizado. O próprio modo de inserção do trabalhador no setor que, na maioria das vezes se dá como servente, tem uma "estrutura pedagógica", já que o papel desse profissional é acompanhar e participar, facilitando todo o trabalho do pedreiro.

Além da interação com parceiros mais próximos de trabalho, há desafios colocados à equipe ou por uma atividade específica; há uma ou outra vivência mais próxima com algum profissional mais experiente ou até mesmo um engenheiro, que representa, pela fala dos entrevistados, uma marca de referência no percurso de aprendizagem e até mesmo uma motivação a mais para se acreditar em seu potencial profissional. É importante atribuir valor também às experiências com erros cometidos por um trabalhador ou algum colega de equipe, uma vez que o erro é importante matéria -prima do aprendizado. Ressalte-se ainda as amizades cultivadas e demais convivências sociais extra espaço de trabalho.

Em primeira instância, compreendeu-se então que a vivência de todo processo, articulada e, sobretudo, orientada por aqueles mais experientes, é o eixo principal para se conquistar os saberes necessários. Entretanto, o que constitui as situações de aprendizagem não se restringe apenas à presença do campo (do espaço de trabalho) e dos profissionais envolvidos. As entrevistas evidenciaram que, todo espaço, a forma de envolvimento e especialmente a configuração com que os sujeitos envolvidos relacionam-se entre si, com meio e pessoalmente (particularmente) com trabalho, é que direciona e define o cerne de todo aprendizado.

Surpreende-se o esforço manifestado pelos engenheiros entrevistados de conhecer, compreender e assimilar parte do desenvolvimento do trabalho, bem como a comunicação/linguagem instituída nesse espaço. Considera-se, nesse caso, que o esforço é ainda maior, podendo vir a ser inclusive mais que um interesse, também uma condição para sua permanência no emprego. Importante assinalar que até mesmo nessa interação delicada entre engenheiro e profissionais de base, que envolve força e poder, há o desenvolvimento de saberes técnico-profissionais e até mesmo saberes acerca de gestão e relações profissionais.

Uma vez identificada que é a totalidade das situações de trabalho, bem como as experiências anteriores a esta que possibilitam a aquisição de saberes profissionais, os objetivos da pesquisa focalizaram o mapeamento dos tipos de linguagem que circulam entre os profissionais da construção civil. Tal objetivo justificou-se pela finalidade de colocar em debate os processos de interação de saberes entre profissionais de origens formativas e sociais distintas.

Tem-se em Cunha (2010) que a linguagem é uma dimensão da atividade de trabalho, cujos recursos linguísticos utilizados refletem as estratégias adotadas para ajustar e

---

[4] Isso remete ao conceito de Letramento, desenvolvido por Magda Soares Becker. SOARES, Magda. *Letramento*: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

reconfigurar essa atividade. Sobre a constituição dessa linguagem *no* trabalho e *como* trabalho, é pertinente resgatar as contribuições de Neto (2009), quando salienta que a comunicação e a transposição de conhecimentos e/ou informações só acontecem completamente se a mensagem for acessível aos envolvidos. O falante não almeja apenas uma transposição passiva. Assim, reconhece-se a relação estabelecida pelo engenheiro com sua equipe, bem como a interação instituída pelas equipes entre si, isto é, a relação que se estabelece desde o mestre-de-obras até o servente.

A base de grande parte do processo de aprendizagem e de comunicação na construção civil é a oral, principal recurso utilizado por aqueles que ocupam cargo de gestão para repassar e orientar o desenvolvimento de algum trabalho. A linguagem oral é recurso fundamental entre os trabalhadores de base para se ensinar e/ou refletir sobre alguma estratégia de trabalho; é o recurso mais usado também para outras interações que fazem parte das práticas de linguagem *no* trabalho e *sobre* trabalho.

Sobre a linguagem oral, específica do setor, ela é compreendida e caracterizada, pelos entrevistados, como simples e de fácil compreensão. Não demonstram se dar conta de que representa uma aprendizagem, um conhecimento que outra pessoa, ainda que escolarizada, não dominará, como houve vários episódios durante a pesquisa ao falarem, por exemplo, sobre rebuçar, boneca, tirar ponto e tantos outros. Consideram a expressão oral a melhor forma de acesso ao trabalho; é importante "ferramenta" dos encarregados para fazer a gestão de seu trabalho, criar estratégias de produção, discutir procedimentos mais adequados, e outros mais.

Entre alguns profissionais de base, em especial pedreiros e em raras situações também ajudantes e serventes, a oralidade se alia à "leitura" em momentos nos quais seu uso é indispensável, como a consulta ao projeto. Tal oportunidade é concedida apenas àqueles que, de algum modo, já conquistaram a confiança do encarregado responsável e/ou por ousadia e profundo interesse encontraram e criaram uma ou outra situação para se aproximar da bancada de trabalho do encarregado e então manusear o projeto. Aquele que não tem acesso à planta e/ou não sabe compreendê-la, fica alheio ao que é definido como produto de seu trabalho, que é realizado "às escuras", o seja, é apenas "um executor de tarefas". Sabe-se que não é totalmente assim, porque sua inteligência está presente a cada conduta; entretanto, é necessário admitir que vive alheio aos motivos pelos quais emprega sua força física, seu corpo, sua subjetividade e sua inteligência. Exceto as situações mencionadas, o discurso, de ambas as partes (gestores e operários), é de que na escala posicional, abaixo do pedreiro, o uso da escrita e da leitura não é um pré-requisito para o trabalho, ainda que haja manuais e apostilas que regulamentem e estabeleçam a conduta de trabalho exigida pelo contratante.

Mesmo que em outros espaços a oralidade não tenha um valor legitimado, esse campo de trabalho coloca em destaque, mesmo que involuntariamente, seu poder e seu valor.

Quanto aos registros escritos, aparecem em outras instâncias relacionais, como bem evidenciou as entrevistas e as análises do quarto capítulo. A escrita, por significar e/ou re-significar o valor e o poder documental, é de responsabilidade, na empresa pesquisada, dos que ocupam cargo de gestão. Quanto mais frequente o uso da escrita, mais alto é o cargo na escala hierárquica da empresa e, portanto, o poder que se manifesta através dela. Isto é, quanto mais poder se tem, mais a interação e a comunicação devem ser documentadas; ressalte-se o Diário de Obra, que é assinado pelo engenheiro da construtora e ainda pelo engenheiro da empresa contratante do serviço, validando o documento. Cabe lembrar que o registro que esse documento engloba diz respeito às atividades desenvolvidas na obra como um todo.

De um modo geral, a linguagem, seja, oral, escrita e/ou corporal, seu sentido, seu poder, diz respeito às particularidades do setor em que foi constituída. Isto é, a linguagem elaborada e instituída na construção tem uma valor e uma organização que dizem respeito a esse setor, não cabendo portanto ser utilizada com a mesma repercussão em outro setor produtivo.

Seja na oralidade, em esquemas estratégicos particulares e/ou em documentos como o Diário de obra e os Relatórios de auditoria, fato é que a linguagem revela a existência de uma organização e de interação bem instituída no campo da construção civil. A linguagem pesquisada, presenciada, revelou a todo instante a rica presença de saberes desse campo profissional. Um saber que faz acontecer a comunicação e, acima de tudo, a compreensão que torna possível a concretização do que está proposto no projeto, ainda que hajam percalços a implicar algum desperdício ou retrabalho. Desses percalços, mais do que a falta de qualificação com a qual alguns autores buscam justificar algumas demandas do setor, há de se considerar que "não há regra geral que prevaleça"[5] para toda obra. Mais do que regras, há na verdade parâmetros, eixos, uma vez que cada obra é uma nova construção do próprio espaço de trabalho, numa reinvenção constante, conforme propõe cada novo projeto (BARONE, 1999; COSTA 2010; TOMASI, 1999).

Em suma, os saberes dos trabalhadores desse campo demonstram ser flexíveis, já que se são saberes sempre apostos, o que revela a grandeza cognitiva do ser humano. A cada experiência prevalecem algumas linguagens; novas são também instituídas, desenvolvidas, assim como a "técnica e conduta" de trabalho. É como revelaram os exemplos do "macarrão" e do "tarussel"; do "reboco de mangueirinha" e tantos outros. A linguagem especificada nesta pesquisa explicitou, acima de tudo, flexibilidade para fazer e produzir saberes profissionais, resultado da criatividade e do desejo constante desses profissionais de manter a dinamicidade cotidiana do universo de trabalho. A linguagem que utilizam, por fim, é e se faz diante dos inúmeros desafios impostos pelo canteiro de obras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolingüística – Parte 1. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à sociolingüística*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1.

BOTELHO, Wagner Costa. *A inovação tecnológica na construção civil de edifícios e a qualificação da mão-de-obra*. 2005. Dissertação – (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Paulista, São Paulo, 2005.

COSTA, Luciano Rodrigues. *Trabalhadores em construção*: mercado de trabalho, redes sociais e qualificações na construção civil. 2010. 282 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

CUNHA, Daisy Moreira. A formação humana entre o conceito e a experiência do trabalho: elementos para uma pedagogia da atividade. *Revista Trabalho e Educação*, Belo Horizonte: Nete/FAE-UFMG, v. 15, n. 1, p. 87-90, jan.-jul., 2006.

[5] Não se refere explicitamente, neste caso, a regras que fundamentam técnicas de engenharia, como medida, etc. Fala-se da relação instituída do sujeito, com espaço, com sua atividade, com seus colegas e como a tarefa em sim.

FAITA, Daniel. Análise das práticas linguageiras e situações de trabalho: uma renovação metodológica imposta pelo objeto. In: SOUZA-E-SILVA, M. Cecília Pérez; FAITA, Daniel (Org.). *Linguagem e trabalho*: construção de objetos de análise no Brasil e na França. Tradução de Inês Polegatto e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002. p. 45-60.

FAITA, Daniel; NOEL, Christine; DURRIVE. Louis. Linguagem como atividade. In: SCHWARTZ, Yvez; DURRIVE Louis (Org.). *Trabalho e ergologia*: conversas sobre a atividade humana. 2. ed. Tradução de Jussara Brito e Milton Athayde. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010. p. 167-189.

FERREIRA, Leda Leal. Análise coletiva do trabalho: com a palavra, os trabalhadores. In: DUARTE, Francisco; FEITOSA, Vera (Org.). *Linguagem e trabalho*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1998. p. 83-92.

MAGALHÃES, Maria C. Soares. *Trabalho, aprendizado e saber-ofício*: operário da construção civil de Belo Horizonte. 1986. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1986.

MONT'ALVERNE NETO, Rosane de. *Correspondências do cárcere*: um estudo sobre a linguagem de prisioneiros. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SANTOS, Eloisa Helena. Trabalho prescrito e real no atual mundo do trabalho. *Revista Trabalho e Educação*, Belo Horizonte: Nete/FAE-UFMG, n. 1, p. 21-34, jan.-jun. 1997.

SANTOS, Geraldo Márcio Alves. *A pedagogia da ferramenta*: estratégias de produção, mobilização e formalização de saberes tácitos criadas pelos ferramenteiros de uma indústria metalúrgica. 2004. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SOUSA, Rosineide Magalhães de. *Técnicas de redação e arquivo*. Brasília: Editora UnB, 2007.

TOMASI, Antônio. *A construção social da qualificação dos trabalhadores da construção civil de Belo Horizonte*: estudo sobre os mestres de obras. Belo Horizonte: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico Cnpq, 1999. Relatório.

KNOWLEDGE OF INTERACTION BETWEEN PROFESSIONAL ENGINEERS, MASTER WORKS, OFFICERS AND MASONS

Abstract: *This article aims to present issues involving the interaction of knowledge in the working conditions of construction, but specifically as regards the way the language of the work reveals and produces professional knowledge created and used in construction. Investigates and questions the situations that summon an understanding of the work prescribed by the engineer, the others involved, the foreman, supervisors, masons and laborers. They are well presented some results of studies from the bibliographer review, and also seized some considerations in field research, this is still under development. Such contributions seized on interviews and field observation is presented in the text.*

Key-words: construction, languages, knowledge, engineer qualification.